**Nome:**  Thaís Trevisan Teixeira **n°USP** 7131872 17/04/2019

**a) Barbara Ehrenreich e Deirdre English (1973) –** Bruxas parteiras e enfermeiras – uma história de mulheres curandeiras

**b) Rohden, F. (2003) –** A construção da diferença sexual na medicina

Os textos trabalham, de modo distinto, a história da mulher e o gênero como influenciador das relações hierárquicas políticas e sociais. Ehrenreich e English fazem um resgate histórico da perseguição da mulher enquanto curandeira, o que culminou em profissões relacionadas ao cuidado e subordinação masculina.

Entre os séculos XIV ao XVII, influenciado pelo poder da Igreja, centenas de mulheres foram perseguidas, torturadas e mortas. Elas foram acusadas dos mais diversos delitos, entre eles acusação de crimes sexuais (culpabilizadas inclusive quando os homens a desejavam), acusações de oferecer métodos contraceptivos e abortivos, de organizar reuniões com outras mulheres e acusações de cura (impedindo a vontade divina).

Estas mulheres perseguidas e mortas eram as responsáveis pelo cuidado e cura da população mais vulnerável. Não se tem o registro desta parte da história sob o ponto de vista das mesmas, pois essas eram em sua maioria mulheres com pouco estudo, portanto, atualmente temos apenas registro a partir do ponto de vista de quem as perseguia.

A partir da ideia misógina de inferioridade, as mulheres eram impedidas de exercer carreiras profissionais que envolvesse um conhecimento para além das funções da maternidade e cuidado doméstico. Neste contexto, a inclusão das mulheres no mercado de trabalho ocorreu através de atividades voltadas ao cuidado, a exemplo temos a enfermagem.

As perseguições permaneciam e as mulheres eram vistas como incapazes e proibidas de exercerem um papel de destaque. Tanto foi a influencia histórica dessa perseguição que Rohden traz em seu artigo análises de teses apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro do século XIX que apresentavam nitidamente o gênero feminino como detentor de menor capacidade intelectual, trazendo inclusive argumentos fisiológicos que comprovariam a inferioridade da mulher.

A ideia de trazer elementos específicos do corpo feminino como determinantes de comportamentos ou capacidade intelectual reduzida beneficia a classe masculina dominante, que historicamente permanece em posições de poder religioso, social e político. As mulheres com acesso a academia, a profissões de prestígio ou na união com outras mulheres questionadoras apresentam uma ameaça a soberania masculina, por esta razão lhes foi cerceado qualquer possibilidade de ascensão.

A partir do ponto de vista histórico da privação do acesso a nós, mulheres, é claro compreender o porquê a sexualidade e anatomia feminina foi tão pouco explorada. Fornecer às mulheres possibilidade de autoconhecimento e união com outras mulheres é promover uma ameaça forte e direta ao status quo masculino.

A raíz histórica é tão profunda e presente atualmente, que quando mulheres se reúnem para o autoconhecimento, para enaltecer e realizar prevenção de seus corpos ou para estudar técnicas que trarão benefício a outras mulheres, ainda há estranhamento e questionamento sobre a real necessidade de tal estudo ou encontro.